

Maysa Bezerra



PSICANÁLISE

As origens da criatividade e da esperança

*Reflexões psicanalíticas a partir de
Melanie Klein e Donald Winnicott*

Blucher

série Academia
de Psicanálise

AS ORIGENS
DA CRIATIVIDADE
E DA ESPERANÇA

*Reflexões psicanalíticas a partir de
Melanie Klein e Donald Winnicott*

Maysa Bezerra

As origens da criatividade e da esperança: reflexões psicanalíticas a partir de Melanie Klein e Donald Winnicott

© 2025 Maysa Bezerra

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE ACADEMIA DE PSICANÁLISE

COORDENADORA MARINA F. R. RIBEIRO

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Andressa Lira

Preparação de texto Regiane da Silva Miyashiro

Diagramação Thais Pereira

Revisão de texto Ariana Corrêa

Capa Departamento de produção

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Bezerra, Maysa

As origens da criatividade e da esperança : reflexões psicanalíticas a partir de Melanie Klein e Donald Winnicott / Maysa Bezerra. – São Paulo : Blucher, 2025.

272 p. – (Série Academia de Psicanálise / coord. Marina F. R. Ribeiro)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2658-1 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2655-0 (Eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2656-7 (Eletrônico – PDF)

1. Psicanálise. 2. Clínica psicanalítica. 3. Klein, Melanie, 1882-1960. 4. Winnicott, D. W., 1886-1971. I. Título. II. Ribeiro, Marina F. R.

CDU 159.964.2

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio	15
----------	----

Marina F. R. Ribeiro

Introdução: mapa breve do sentido	23
-----------------------------------	----

Parte I – Primeira margem do rio

O fio que tece a criatividade e a esperança em Melanie Klein	31
--	----

1. Ferir, perder e amar: travessia da posição depressiva guiada pela ópera *L'Enfant et les Sortilèges* 37
2. Os abismos da entropia psíquica da posição esquizoparanoide no filme *Sete minutos depois da meia-noite* 75
3. Inveja e gratidão nas tramas do mundo interno à luz do conto “*A legião estrangeira*” 101

Parte II – Segunda margem do rio

Winnicott e a arte do viver criativo como anúncio da esperança	135
--	-----

4. O ambiente como anteparo psíquico no filme *A vida é bela* 141
5. A esperança que habita e resiste no gesto vital 175

6. A criatividade e a esperança nas bases do vir a ser: um encontro possível?	227
Epílogo: no caminho entre pedras e roseiras, um poema	235
Posfácio: o que se pode ganhar com um bom encontro e uma boa conversa	245
<i>Ana Elizabeth Cavalcanti</i>	
Referências	251

Prefácio

Marina F. R. Ribeiro¹

*Quero ignorado, e calmo
Por ignorado, e próprio
Por calmo, encher meus dias
De não querer mais deles.*

*Aos que a riqueza toca
O ouro irrita a pele.
Aos que a fama bafeja
Embacia-se a vida.*

*Aos que a felicidade
É sol, virá a noite.
Mas ao que nada espera
Tudo que vem é grato.*

Fernando Pessoa, “Quero ignorado, e calmo”

Sinto-me privilegiada de fazer parte da eclosão de criatividade e esperança que este livro de Maysa representa. Ao longo dos últimos anos,

¹ Psicanalista, Profa. livre-docente IPUSP; coordenadora do LiPSiC. Autora de vários livros, os mais recentes: *Conversa sonhante: a função psicanalítica da personalidade* (Blucher, 2025); Coautora em *Chuva n'alma: a função vitalizadora do analista* (Blucher, 2023) e *Por que Klein?* (Zagodoni, 2018); organizadora de *Por que Ogden?* (Zagodoni, 2023) e *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (Blucher, 2023). Coordenadora da série da Blucher: Academia de Psicanálise. Publicações em inglês: *Reading Bion's Transformation* (Routledge, 2024) e *Why Ogden? The importance of Thomas Ogden's Work for Contemporary Psychoanalysis* (Routledge, 2025).

venho, cada vez mais, a cada trabalho concluído, considerando que a questão que nos conduz na pesquisa psicanalítica é aquela que conseguimos alcançar e expressar do enigma que nos habita e nos move como seres únicos que somos. Quanto mais próximos e perturbados pelo enigma formos, mais autoral é o texto. A escrita de Maysa é extremamente implicada, transparece no seu texto a dor e a beleza de ser quem se é!

Uma pesquisadora jovem que se dedica com tanta perspicácia à apreensão e à transmissão do pensamento kleiniano me provoca um discreto sossego. É reconfortante saber que alguém competente levará adiante o legado de Melanie Klein. Maysa tem se debruçado sobre o pensamento kleiniano de forma criativa, e, por que não dizer, inovadora, anunciando uma nova geração de psicanalistas, com o frescor matinal que anuncia algo novo. Vejam que bela descrição da obra de Klein:

Capaz de circular entre arcos viscerais e sensíveis, Klein convida a um mergulho nos assombros e abismos humanos, explorando os mais profundos conflitos e insanidades que a mente pode alcançar. Ao mesmo tempo, destaca a potência da vida, que impele o indivíduo a escapar dos mais terríveis padecimentos ao contornar com letras e imagens aquilo que parece incognoscível: a brutalidade e a violência do inconsciente. (Epílogo)

Maysa tem uma capacidade surpreendente de metaforizar e transformar o árduo da teoria em uma narrativa poética e fluida, que o leitor acompanha com prazer. Ela apresenta tanto o arcabouço teórico kleiniano como o winnicottiano, construindo metáforas surpreendentes.

Sucintamente, este livro é uma consistente pesquisa teórico-clínica sobre os fenômenos da criatividade e esperança, bem como da desesperança e destrutividade. Maysa apresenta e articula conceitos da obra de Klein e Winnicott, por meio de vinhetas clínicas, contos e filmes,

deixando o leitor encantado com suas belas e pertinentes metáforas. A autora ousou uma interlocução, pouco comum, entre esses dois titãs da psicanálise. Devido a questões históricas e institucionais, suas obras foram e são tratadas sem considerar seus pontos de convergência, acentuando as divergências. Maysa se apropriou magistralmente desses dois autores, destacando questões ainda pouco abordadas, como a pulsão de reparação² no texto kleiniano.

A discussão que Maysa traz para a questão da inveja é um dos momentos no qual a criatividade da autora se manifesta intensamente. Tenho usado o conto de Clarice Lispector (1999), *A legião estrangeira*,³ há muitos anos na disciplina sobre Klein que ministro na graduação do IPUSP. Maysa retoma magistralmente a potência do conto e avança na sua reflexão. “Inveja e gratidão”, publicado em 1957, foi o ponto de discórdia máxima entre Winnicott e Klein. Segundo relatos, Winnicott teria comentado que, com esse texto, Klein tinha ido longe demais, o que selaria, por fim, o rompimento entre esses dois pensadores da psicanálise.

Algumas observações sobre inveja e gratidão são necessárias. A inveja participa da estrutura original do desejo humano: insaciável. E isso faz com que a inveja exista como decorrência dessa estrutura voraz – queremos simplesmente tudo! A inveja se dirige sempre ao bom, à bondade materna, à paciência, à generosidade, à compaixão e à confiança. O objeto por excelência da inveja é a criatividade. A gratidão é o fundamento da capacidade de apreciar e saborear os bons momentos e as qualidades daquilo que nos é oferecido. A capacidade de ser grato é decisiva na constituição, na manutenção e na expansão da vida psíquica, e, além disso, é fundamental para o exercício das funções empáticas e intuitivas do analista na sessão. Muito se fala de inveja e pouco de gratidão. Penso que a palavra gratidão diz mais e melhor do

2 Para o leitor interessado em compreender melhor a pulsão de reparação, veja o tópico 1.2 “Comentários sobre a pulsão de reparação”.

3 Renato Mezan (1987) usou esse conto para discorrer sobre a inveja.

que pode vir a acontecer em alguns momentos de uma análise, Klein (1957/1991) escreve:

O seio bom que nutre e inicia a relação de amor com a mãe é a representação da pulsão de vida e é também sentida como a primeira manifestação da criatividade . . . A capacidade de dar e preservar vida é sentida como dom máximo e, portanto, a criatividade torna-se a causa mais profunda de inveja. (p. 37)

A inveja é um ataque à criatividade, aos vínculos (Bion, 1959/2013) e à beleza (Meltzer, 1988), no sentido da experiência estética do humano, da possibilidade de pensar e da transitoriedade. Como salienta Freud (1916/2010), “Mas contestei a visão do poeta pessimista, de que a transitoriedade do belo implica sua desvalorização. Pelo contrário, significa maior valorização! Valor de transitoriedade é valor de raridade no tempo” (pp. 248-249).

Podemos fazer algumas breves conjecturas sobre inveja, gratidão e criatividade. Será que o poeta pessimista está impossibilitado de apreciar a beleza, a experiência estética do mundo, em função de um apego à imortalidade (predomínio da inveja), ou seja, um estado de mente esquizoparanoide, no qual não há transitoriedade, tudo é absoluto, não há tempo, não há outro, não há perdas, não há possibilidade de pensar.

Pensar implica em um estado de entristecimento, de gratidão e reconhecimento de que tudo é transitório, somos seres em trânsito e em transição. A experiência com um analista continente ou suficientemente bom será, inevitavelmente, alvo de sentimentos invejosos, mas há a possibilidade de reparar e de criar, pulsão de reparação, como escreveu Maysa. A condição psíquica de reconhecer que precisamos do outro para existir e para criar. Os estados mentais são transitórios, há um movimento constante na mente, isso está implícito no conceito kleiniano de posições.

Precisamos de tempo para conhecer uma pessoa, aliás, tudo que um analista tem com o seu analisando é o tempo da sessão. A faceta destemida, corajosa, valente de Maysa apareceu desde o início de seu processo como pesquisadora. Aos poucos, penso que foi possível um lapidar do texto e da alma que amadureceu sua escrita, desembocando na escrita deste livro.

O ambiente suficientemente bom do grupo de pesquisa,⁴ favorece a criação de textos originais. Quando nos sentimos em terras seguras e férteis, é possível usufruir, fluir e criar. Como diz Winnicott, precisamos conduzir o paciente para que ele construa a própria interpretação. Parafraseando-o, precisamos conduzir o pesquisador-psicanalista para que a reflexão e o texto autoral emergem ao longo do processo de pesquisa.

Penso que é essa a marca do grupo de pesquisa que coordeno; todos trabalham muito, são competentes, dedicados, exigentes na medida, com bom humor e acolhimento generoso. Parece que essa composição tem gerado o desabrochar de talentos acadêmicos, psicanalíticos e literários. A poesia do texto, da clínica e da vida estão presentes em quase todas as pesquisas produzidas no caldeirão fervilhante de várias mentes pensando a mesma pergunta de pesquisa, e colaborando com o texto do colega, um autêntico grupo de trabalho. Este livro é fruto desse ambiente, suficientemente bom, de pesquisa psicanalítica na academia e também de implicação e criatividade de Maysa na sua apropriação ética e autoral da teoria.

Maysa se questiona: “em termos psicanalíticos, que motor, mais ou menos invisível, incita ou impede alguém de realizar determinados trabalhos psíquicos? O que motiva a viver e o que provoca o anseio de morrer?”. E conduz essas perguntas inspirada por um trecho do poema de Cora Coralina (2013), percorrendo sua investigação no arcabouço

4 No grupo de pesquisa que coordeno todos os capítulos são lidos e comentados pelos participantes.

teórico kleiniano e winnicottiano: “Como fazer das pedras e roseiras encontradas no meio do caminho, um poema?”

A questão do enigma que conduz o pesquisador surge do exercício clínico, e também das experiências pessoais no psicanalista-pesquisador, tudo começa em casa, diz Winnicott (1970/2011) com sabedoria. É preciso coragem para elucidar facetas do enigma, ou seja, uma pesquisa precisa se abrir para o desconhecido, e não repetir o já conhecido. A teoria precisa estar harmonizada com a personalidade do pesquisador-psicanalista, teoria nos ossos, como escreveu Winnicott (1957/2016). E não uma teoria restrita ao intelecto ou, podemos dizer, a teoria como um falso-*self* analítico.⁵

Penso que o legado freudiano da criação de uma forma de relação ainda inédita na história da humanidade,⁶ sustentada pelo enquadre, representa uma reserva de humanidade em um mundo no qual o processo de des-humanização parece acelerar, esteja o analista nas instituições, nas praças ou nos consultórios.

Maysa dedicou seu livro à Polly, sua irmã, diria que a força de um vínculo amoroso é o horizonte do objeto bom, um futuro humanizado e sonhado com criatividade e esperança.

Referências

- Bion, W. R. (2013). Attacks on linking. *The Psychoanalytic Quarterly*, 82(2), 285-300. (Trabalho original publicado em 1959)
- Chuster, A. (2018). Serendipidade, capacidade negativa e memória do futuro: pensamentos selvagens em busca de uma descoberta. *Berggasse 19*, 8(2), 18-36.

5 Ideia expressa por Douglas Pereira, comunicação pessoal. Comentário proferido em banca examinadora em 27 de junho de 2025.

6 Arnaldo Chuster (2024) e Thomas Ogden (2010).

- Chuster, A. (2024). *A linguagem de alcance psicanalítico: a diferença transcendental em W. R. Bion*. Blucher.
- Cintra, E. M. U., & Ribeiro, M. F. R. (2018). *Por que Klein?* Zagodoni.
- Coralina, C. (2013). *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (10a ed.). Global.
- Freud, S. (2010). A transitoriedade. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 12, pp. 339-344, P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras.
- Lispector, C. (1999). A legião estrangeira. In C. Lispector, *A legião estrangeira*. Rocco.
- Klein, M. (1991). Inveja e gratidão. In E. Rocha, & L. Chaves (Coords.). *Obras completas de Melanie Klein – Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. (Vol. 3, Trad. da 4a ed. inglesa, pp. 205-267). Imago. (Trabalho original publicado em 1957)
- Meltzer, D. (1988). *Apreensão do belo: a mente estética e sua encarnação na cena analítica* (M. T. de M. B. Frota, Trad.). Imago.
- Mezan, R. (1987). A inveja. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21(2), 121-136.
- Ogden, T. H. (2010). *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos* (D. Bueno, Trad.). Artmed.
- Pessoa, F. (2001). Quero ignorado, e calmo. In C., Berardinelli (Org.), *Poesia completa de Fernando Pessoa*. Nova Fronteira.
- Ribeiro, M.F.R. (2023) (Org.). *Por que Ogden?* Zagodoni.
- Winnicott, D. W. (2011). Vivendo de modo criativo. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa* (5a ed., pp. 23-40). WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1970)
- Winnicott, D. W. (2016). Knowing and learning. In L. Caldwell & H. T. Robinson (Eds.), *The collected works of D. W. Winnicott 1946-1951* (Vol. 3). Oxford University Press. (Trabalho original publicado em 1957)

Introdução: mapa breve do sentido

*Deixe que tudo aconteça a você
Beleza e terror
Apenas prossiga
Nenhum sentimento é definitivo.*
Rainer Maria Rilke, 2006¹

Deitada na cama, em meu quarto escuro, um barulho me desperta. Abro os olhos lentamente e percebo que é o despertador tocando mais uma vez, enquanto o dia amanhece. Começa um novo dia de trabalho, e eu preciso me levantar.

Essa vinheta apresenta um evento corriqueiro, mas capaz de provocar múltiplas reações nas pessoas. Algumas acordam agradecendo por mais um dia, vão até a janela para acompanhar o nascer do sol e sentem a vida pulsar em si após o primeiro gole de café. Outras já despertam pensando no dia árduo que terão pela frente, irritam-se pelo sono interrompido e ativam o modo “soneca” do despertador repetidamente, na tentativa de ganhar alguns instantes de gratificação. Há, ainda, aquelas que nem sequer conseguem se levantar da cama, acordam sem saber exatamente o horário ou o dia da semana e demonstram total indiferença pela própria vida.

¹ *Let everything happen to you: beauty and terror. Just keep going. No feeling is final.*

É relevante analisar o que leva diferentes indivíduos a percorrer, ao longo da vida, cada uma dessas experiências. A depender do que os atravessa – o sublime ou o trágico, abertura ou fechamento, perseverança ou paralisação –, cada pessoa pode se aproximar de qualquer situação mencionada, oscilando entre estados de ordenação e de caos.

Como escreveu Rainer Maria Rilke (2006), citado na epígrafe desta introdução, viver é poder transbordar-se de beleza e terror. Certamente, isso ocorre quando alguém, mesmo imerso em tristezas e angústias, consegue pensar no futuro, ser benevolente e sentir gratidão. Por outro lado, há casos em que as contingências conspiram a favor de uma pessoa e, embora ela receba muito amor de seus pares, enxerga a vida com cores cinzas e nebulosas. Também é comum encontrar indivíduos que transformam grandes sofrimentos em histórias bem-humoradas para compartilhar, enquanto outros se mantêm acorrentados a um ressentimento sem fim.

Isto posto, a questão levantada é: em termos psicanalíticos, que motor, mais ou menos invisível, incita ou impede alguém de realizar determinados trabalhos psíquicos? O que motiva a viver e o que provoca o anseio de morrer?

Ao tentar responder a essas indagações, inúmeras associações podem ser feitas. Neste livro, escolho seguir um caminho que evidencia a ligação dessas questões com as manifestações emocionais de esperança e desesperança, assim como à criatividade, à destrutividade e à submissão. Esses termos evocam movimentos de vida e de morte que atravessam, em maior ou menor grau, todos os indivíduos.

Esses fenômenos circulam cotidianamente no mundo e, embora muitas vezes não sejam nomeados, continuam sendo vividos. Assim, todas as reflexões deste texto serão fundamentadas no entendimento de que, nos acontecimentos humanos, essas manifestações psíquicas estão quase sempre entrelaçadas, influenciando-se mutuamente e formando uma complexa estrutura de elos e oposições. Retomando-os em

retrospecto, numa circunstância crucial para qualquer pessoa, o início da vida, nota-se como eles estão presentes nas primeiras experiências e são relevantes para que a existência seja sentida como mais ou menos interessante, conforme propõe Calligaris (Serpa, 2014/2016).

No contexto do processo psicanalítico, será investigada a forma como um indivíduo, mergulhado em desesperança, desânimo, angústia e outras tendências destrutivas, em relação a si mesmo ou ao seu entorno, pode resgatar a criatividade, o amor à vida, a capacidade de reparação e a vitalidade. Ao observar essas movimentações emocionais, é fundamental compreender como o analista é convocado a vivê-las junto ao paciente, assumindo um duplo papel: o de se aproximar, para sentir com, e o de se afastar, para criar brechas e pontes psíquicas que possibilitem a construção de novas formas de pensar e agir na clínica.

Os principais teóricos trabalhados neste livro, Melanie Klein e Donald Winnicott, atuam como guias para essas descobertas, iluminando os fatores que fazem o sujeito ser criativo, destrutivo, submisso, esperançoso ou desesperançado. Com base nesses arcabouços teóricos, bem como nas inquietações advindas da história pessoal e do trabalho analítico de cada autor, busca-se compreender, organizar e transmitir como os fenômenos mencionados se apresentam na trama conceitual de ambos, especialmente nas respectivas concepções sobre o início da constituição psíquica. De igual modo, busca-se ilustrar tais ideias por meio de produções culturais e fragmentos clínicos. Cada teoria será apresentada visando servir como referência para a transformação das manifestações mencionadas na relação analítica, explorando suas possibilidades e limites.

Embora Klein e Winnicott tenham sido contemporâneos e recebido influências mútuas, cada um construiu sua própria rede teórica e clínica com base em epistemologias complexas e distintas. Por isso, faz-se necessário um trabalho cuidadoso de apresentação do entendimento de cada um acerca dos fenômenos estudados. Após definida a fundamentação teórica, o texto divide-se em duas partes: a primeira

destinada ao estudo da metapsicologia kleiniana, e a segunda, ao pensamento winnicottiano.

A ideia de que “o autor faz a obra, e a obra faz o autor” explica a pertinência da primeira parte do trabalho: “O fio que tece a criatividade e a esperança em Melanie Klein”. A escrita começa com uma reflexão sobre como a criatividade e a esperança se localizam na vida pessoal e no trabalho psicanalítico que Klein realizou com crianças pequenas.

No Capítulo 1, “Ferir, perder e amar: travessia da posição depressiva guiada pela ópera *L’Enfant et les Sortilèges*”, será explorado como a esperança e a criatividade, assim como a desesperança e a destrutividade, podem ser compreendidas a partir dos mecanismos psíquicos e das ansiedades presentes na posição depressiva. Inspirada na ópera *L’Enfant et les Sortilèges*, de Ravel (1925), a análise enfatiza como esses fenômenos se interligam, formando um circuito de retroalimentação no campo da fantasia infantil de um menino que sente fúria pela mãe por frustrar seus anseios.

O filme *Sete minutos depois da meia-noite*, dirigido por Bayona (2016), apresentado no Capítulo 2, contribui para o entendimento de componentes presentes na posição esquizoparanoide, um estado desintegrado da mente. Ainda que inundado por angústias e desesperos, essa condição permite o surgimento da esperança e da potencialidade para a criação. O longa-metragem narra a história de um menino aterrorizado pelo adoecimento da mãe e pela iminência de sua morte, enquanto mantém a crença de que as circunstâncias possam melhorar no futuro.

No Capítulo 3, “Inveja e gratidão nas tramas do mundo interno à luz do conto ‘A legião estrangeira’”, a inveja primária e a capacidade de sentir gratidão são analisadas a partir da narrativa de Clarice Lispector (1999). A trama literária revela os impasses de Ofélia, uma garotinha arrastada por suas próprias emoções e desejos, enquanto percorre uma corda bamba entre os liames da vida e da morte.

Ao longo do primeiro bloco, a origem das manifestações psíquicas estudadas é analisada sob um viés metapsicológico, com base na teoria das pulsões. É importante ressaltar que, embora Klein aborde o conflito entre amor e ódio, criatividade e destrutividade, esperança e desesperança em diversos contextos, é na teoria das pulsões que encontra o suporte necessário para pensar essas relações. A metapsicologia kleiniana interessa porque cria um lugar teórico que permite situar, associar e agrupar diversos aspectos observados, sem perder de vista sua implicação na vida cotidiana e na clínica, como afirmam Cintra e Figueiredo (2010). Sob essa perspectiva, a clínica é soberana, mas ganha ainda mais coesão quando acompanhada pelo tecido teórico que a sustenta.

A segunda parte do livro, “Winnicott e a arte de viver criativo como anúncio da esperança”, aborda o pensamento teórico-clínico do autor em articulação direta com sua forma de ser e estar no mundo, explicitada por passagens de sua trajetória biográfica.

Em seguida, investiga-se como a criatividade primária se entrelaça aos primeiros encontros sintônicos entre um bebê e o seu ambiente. Ao acolher uma criança no mundo, é possível criar um anteparo para suas dores ou, ao contrário, estimular ferrenhamente o sentimento de desamparo. Assim, relações iniciais bem ou malsucedidas fazem emergir esperança ou desesperança. Esse entendimento, fundamentado no pensamento de Winnicott, é exemplificado no Capítulo 4 por meio do filme italiano *A vida é bela*, de Roberto Benigni (1997). No enredo, o pai de um menino constrói uma rede de proteção para o filho, impedindo-o de mergulhar no sofrimento da cruel realidade nazista.

É importante frisar que, tanto em Klein quanto em Winnicott, a esperança não recebe um contorno definido ou uma formulação sistemática, mas revela-se principalmente em seu traço fenomenológico. Assim, o texto não pretende conceitualizá-la, mas sim pensar sobre as contribuições dos autores ao tema, indicando em que lugar cada ideia

se situa em seus escritos, apresentando o que argumentam, os modos de fundamentação empregados e em que contexto.

Adiantando essa discussão, nos Capítulos 5 e 6, é possível afirmar que ambos compreendem a esperança como fruto da relação e da manutenção de bons objetos no estágio inicial da vida. Epistemologicamente, para Klein, a esperança deriva da preservação de objetos bons internos, a despeito da constante luta travada contra forças inatas e pulsionais; na perspectiva winnicottiana, tem origem nas relações satisfatórias com o ambiente, que pode ser mais ou menos facilitador (Figueiredo, 2018).

Pelo fato de a clínica atravessar este livro inteiramente, foram priorizados fragmentos do encontro analítico, capazes de produzir ressonâncias no leitor, iluminar teorias e conceitos e permitir a apreensão de experiências emocionais. Teoria e clínica foram tratadas, no desenvolvimento do texto, considerando seus traços porosos e móveis, bem como as influências recíprocas que exercem, estreitando-se e desprendendo-se continuamente.

Por fim, é possível assegurar que este trabalho conduziu a movimentos de implicação e distanciamento, assim como a questionamentos, descobertas e invenções. Vale destacar que a análise apresentada se baseia em uma perspectiva pessoal, ou seja, está relacionada à vivência da autora e à forma como ela é afetada pelos fenômenos discutidos. Da mesma forma, espera-se que o leitor possa construir suas próprias lentes para enxergar essas questões.

Como uma dose de esperança ou pequenos estímulos para a criatividade, espera-se que este livro consiga provocar ampliação e abertura para problematizações, compreensões e sentidos, tanto na vida cotidiana quanto no trabalho clínico, para cada um dos que o leem.

PARTE I

Primeira margem do rio

O fio que tece a criatividade e a esperança em Melanie Klein

*Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel
Se lambuzar de mel.*

Chico Buarque & Milton Nascimento, 1994

Apesar de ser conhecida como “açougueira inspirada”,¹ Melanie Klein (1882-1960) construiu uma obra que reúne originalidade, astúcia, sensibilidade, delicadeza e intuição para lidar com o mundo infantil e o inconsciente. A psicanalista vienense foi pioneira em transformar o freudismo, trazendo uma inovação histórica, metapsicológica e clínica à abordagem psicanalítica. Segundo Cintra e Figueiredo (2010), Klein manifesta, em sua escrita, uma inegável fecundidade intelectual e imagética para caracterizar o intangível e o abstrato do funcionamento psíquico.

Pode-se dizer que Klein encarava tanto sua história pessoal quanto seu ofício com total liberdade de espírito – um aspecto que marcou profundamente as mudanças em seu método. Esse traço peculiar

1 Termo cunhado por Lacan (1958/1966) para descrever uma forma de escrita frequentemente considerada crua, bruta ou grotesca, destinada a abordar as dinâmicas pulsionais do inconsciente ou as “vísceras da vida psíquica” (Cintra & Figueiredo, 2010, p. 24).

tornou-se evidente em seu estilo analítico, amplamente reconhecido após os trabalhos inaugurais realizados com crianças.

Os textos iniciais, especialmente os da década de 1920, revelam seu desejo em integrar a análise à educação infantil. Ainda que alguns considerassem essa ideia utópica, Klein acreditava ser possível evitar o adoecimento e restabelecer a saúde mental dos indivíduos, utilizando a psicanálise como meio para promover o progresso da humanidade e da cultura (Klein, 1921/1996a). Tal perspectiva fica evidente em sua proposta de formular uma psicanálise capaz de remover inibições, permitindo que as crianças retomassem o percurso do aprendizado pedagógico (Klein, 1923/1996b). Esse processo facilitaria o trabalho do educador, aumentaria o prazer do aluno em aprender e, como consequência, auxiliaria o desenvolvimento infantil.

Para Klein (1932/1997), a análise de crianças pequenas permitiu mapear, de forma global e complexa, o funcionamento psíquico, revelando muito mais aspectos do que a análise de adultos havia viabilizado até então. Por esse motivo, ela acreditava que seu método promoveria uma expansão acurada da teoria psicanalítica. Discípula de Klein, Hanna Segal (1987/1996) descreveu alguns aspectos do trabalho da mestra:

Sua abordagem se caracterizava por grande convicção na validade do método psicanalítico de Freud e pela fé de que, em toda criança, assim como em todo adulto, apesar de toda a resistência e das defesas, há o anseio e o prazer pela verdade. (p. 10)

A autobiografia de Klein (1959/2019) também reflete seu intento, em momentos próximos ao final da vida, de que outros clínicos e pesquisadores adotassem seus estudos e teorias: “Tenho, agora, um misto de resignação e alguma esperança de que meu trabalho talvez afinal sobreviva e seja de grande ajuda para a humanidade” (p. 126).

Considerando o íntimo entrelaçamento entre a obra e a história pessoal da autora, é importante destacar que Klein enfrentou muitos lutos ao longo da vida, incluindo separações, projetos abandonados e a perda de familiares, analistas e amigos. Em contrapartida, foi capaz de transformar essas vivências tão dolorosas em ideias originais, como demonstrado no texto clássico “O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos” (1940/1996h).

Nesse artigo, Klein descreve o caso clínico da Senhora A., que trata de sua própria experiência, relatando o sofrimento causado pela morte do filho, Hans, vítima de um acidente nas montanhas.² Observa-se um estado de esmorecimento devido à perda e, posteriormente, a recuperação da vitalidade, com um fulgor que lhe permitiu recriar o filho internamente, mesmo após sua morte: “voltemos à Sra. A. Seu alívio ao olhar para casas agradáveis se devia à esperança de poder recriar o filho e os pais; a vida tinha começado novamente dentro dela e no mundo exterior” (Klein, 1940/1996h, p. 404).

Klein parece nunca ter perdido a esperança e a criatividade, ambas representando combustíveis para a transformação de sua própria história. Mesmo envolvida em inúmeros episódios de desespero e dor, mantinha uma convicção inabalável em relação à psicanálise, que nunca foi abandonada, nem mesmo ao fim de sua trajetória. Era evidente sua confiança no método psicanalítico que desenvolveu – incluindo a técnica do brincar, a sistemática das interpretações e a análise da transferência – como uma ferramenta poderosa para ajudar as pessoas.

Após refletir brevemente sobre a criatividade e a esperança na vida e na obra de Klein, este livro abordará, introdutoriamente, como esses fenômenos aparecem em sua metapsicologia. Nos textos da autora, a criatividade surge como uma manifestação da reparação. Por isso, é

2 Entre os biógrafos de Klein, há muitas controvérsias e nenhuma concordância sobre as circunstâncias da morte de Hans. Optamos por manter esta versão, por ser a mais amplamente divulgada na literatura sobre sua história.

essencial compreender, primeiro, o movimento psíquico da reparação, para, posteriormente, elaborar a noção de criatividade.

A reparação é um mecanismo utilizado pelo bebê para restaurar o dano causado ao objeto de amor – seja interno ou externo – ferido após um ataque destrutivo em fantasia. Essa ideia ganha destaque nas obras de Klein a partir da noção de posição depressiva, tema que será aprofundado no próximo capítulo.

A esperança, por sua vez, não tem uma conceitualização formal nos escritos da autora. Não há uma definição que configure sua principal manifestação. Contudo, Klein, em determinados momentos, sugere que a esperança gera reparação, enquanto, em outros, considera que a reparação gera esperança.³ Ambas formam um circuito de retroalimentação, sendo difícil determinar qual delas é primordial. Embora esse entrelaçamento não seja explicitado na obra, é possível percebê-lo por meio de nuances e minúcias. Firmando o entendimento a respeito disso, o texto propõe algumas hipóteses a partir da linha de raciocínio apresentada.

Como base teórico-clínica para refletir sobre criatividade e esperança, serão trabalhadas as posições esquizoparanoide e depressiva, bem como a inveja e a gratidão. É na passagem entre as posições e no atravessamento da inveja para a gratidão que esses elementos podem ser observados com maior clareza.

O texto inicia sua discussão pela posição depressiva, já que foi, cronologicamente, a primeira elaborada por Klein (1935/1996e). Esse estado reflete o início do amadurecimento emocional do bebê, que começa a reconhecer a mãe como um objeto total, simultaneamente

3 O objetivo não é estabelecer uma sequência entre os fenômenos, pois o movimento psíquico não segue uma lógica linear. Ao contrário, a proposta deste livro é justamente iluminar as dinâmicas possíveis e as oscilações dos estados mentais, tomando como referência a representação do Ouroboros: uma espiral que simboliza o eterno retorno e a continuidade de si.

amado e odiado. Dessa relação, surgem ansiedades e defesas específicas diante dos objetos internos e externos.

Para ilustrar essa noção, será analisado o enredo da ópera *L'Enfant et les Sortilèges*, do compositor Maurice Ravel. Para isso, serão utilizadas duas leituras fundamentais: a original, realizada por Klein (1929/1996d), e uma interpretação contemporânea, de Cintra e Ribeiro (2018), que oferece uma visão profícua sobre a obra.

O filme *Sete minutos depois da meia-noite*, dirigido por Juan Bayona (2016), foi escolhido para elucidar a posição esquizoparanoide de Klein (1946/1991b). Essa posição representa um arranjo subjetivo menos elaborado do que a posição depressiva, no qual o mundo interno da criança e seus objetos aparecem fragmentados, como se vê na representação cindida da mãe entre o seio bom e o seio mau, a partir da gratificação e frustração vividas.

No Capítulo 3, a inveja e a gratidão (Klein, 1957/1991d) serão esmiuçadas com base no conto “A legião estrangeira”, de Clarice Lispector. A proposta é demonstrar que a inveja é um provável motor da desesperança e da destrutividade, enquanto a gratidão oferece um solo fértil para a criatividade e a esperança.

As conceituações de Klein permanecem sendo uma poderosa fonte de vida, pois sua teoria abre novos horizontes de pesquisa para os psicanalistas contemporâneos que se dedicam a compreendê-la. Como afirmam os Rocha Barros: “aquilo que define uma autora criativa é o fato de introduzir uma nova problemática que não pode mais ser ignorada e, dessa forma, nunca cessa de produzir impactos que se constituem em novas sementes para o avanço do pensamento” (Rocha Barros & Rocha Barros, 2018, p. 14).

A teoria kleiniana é uma obra aberta, fecunda e expansiva. A cada encontro com o novo, ela se desdobra, promovendo a criação de diferentes olhares e conceitos sobre o funcionamento psíquico. Para dar seguimento à contemplação da fertilidade dessas construções, o próximo tópico abordará uma de suas teses mais autênticas: a posição depressiva.

Neste livro, Maysa Bezerra mostra o caminho trilhado desde as primeiras formas de abordar o mundo, isto é, as primeiras formas de amar e destruir, e sua lenta transformação em *criatividade e esperança*. Como é possível limitar a vontade de tudo querer e tudo consumir, já, imediatamente, sem medida e sem compaixão? O que fazer com essa compulsão que nos habita desde cedo e desafia a capacidade de transformar a culpa de ter destruído em alegria de construir e reparar?

O que este livro nos ensina é que a criatividade primária é tão intensa quanto a tendência a consumir e a destruir. Quando bons encontros são possíveis, cria-se um espaço potencial. Nasce a esperança de novos encontros, apesar dos desencontros.

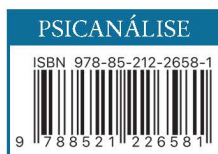
Maysa traz o relato de poemas, casos clínicos e filmes – como a bela análise d'*A legião estrangeira* de Clarice Lispector –, nos quais as formas impiedosas de amar dão lugar ao movimento de reparar o mundo interno em pedaços e nos levam a inventar, a construir novos horizontes. Trata-se do desafio de se tornar mais plenamente humano.

Elisa Maria de Ulhôa Cintra



série **Academia
de Psicanálise**

COORD. MARINA F. R. RIBEIRO



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

As origens da criatividade e da esperança

Reflexões psicanalíticas a partir de Melanie Klein e Donald Winnicott

Maysa Bezerra

ISBN: 9788521226581

Páginas: 267

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
